

Álvaro Andrade Garcia
a faculdade dos sentidos

(poemas desse livro foram animados em videopoemas)

ESCULPINDO O DESEJO

traga-te o abismo
onde se talha, se despedaça
rompe a matéria do sol

ainda que rochas
onde se pára
entre pontes

fortaleça até a trinca
as rachas da fortaleza

o desejo alarga onde se dói

POESIA FRACTAL

uns partem outros nunca
ao limite do infinito
a franja de pontos
o senso das fronteiras

o inexato encosto
entorno de ordem e caos
dois mares que se atacam
nunca e sempre vazantes

uns partem outros nunca
ao topo das lógicas
o absurdo entrevisto
o certo que não se palpa
com o entendimento

mas que se vê com olhos
que dão números ao infinito

ARREPENDIMENTO

as pendências à ré
as prensas as garras
que não só destroçam
mas afagam as graças
que me vêm só

SÃO E SALVO

não me questione com suas dúvidas
nem me ofusque com seus fatos

não me venha com essa sua
parca luz sem novidade

essa porcaria de idade
que diz nada dá certo

se tudo está acabado
não me ofereça sua liberdade

não me assuste com sua necrologia
nem me confie suas hipocondrias

uma a uma gaste suas fobias
e trate de me esquecer

hoje me deito de braços

livre dos seus horrores
da sua banalidade

sua trapaça embutida
hoje são abençoado

não me ameace com seus escatólogos
infernos e monólogos

hoje sôo calmo e crasso

sou pirilampo devasso
e tenho a resposta exata

hoje estou sôo e salvo

CASAMENTO

enão combinações atômicas
instabilidade e sexo
conveniência suco de fruta
sal antônimos
paixão carrinhos
dor e supermercado

contusões dúvidas
vulgaridade
carinho de gatos
sussurros balaios preguiça
e filhos além disso tudo

RÉQUIEM PARA D. IRMA

Jovelina! conserta minha nuca
e traz o remédio
Jovelina! por que sinto dores
no corpo todo

depois chama meus filhos
por que me deixaram no meio da rua
e quero voltar para casa

onde estão todos agora?

anda, Jovelina, me traz o deus
que nunca vi
e uma máquina Singer igual àquela
que me deu os primeiros réis

ah, Jovelina, depois pode dormir
por que salvo engano, Jovelina
a morte a gente tem só

antes os passeios agora os receios
antes os desastres agora os desgastes
antes os amores agora os pudores
antes dionísio agora confúcio

a morte um punhal de costas

a sorte um avesso

o passo uma dança

hesitante e travessa

o morto a morte

ela mesma um feto

feito de fatos

e maltratos

a essência de tudo é o comércio
a essência de tudo é o assassinio

o síndico é a essência de tudo

só a canalha só a mortalha só a navalha

tudo ao redor é ânsia de água

tudo ao redor é anseio e sal

tudo ao redor é tropeço e cheiro de mal

viver a vida

jogar o jogo

morrer o morto

terminar o fim

viver a vida

jogar o jogo

matar a morte

acabar o fim

ORAÇÃO DOS OITENTA

I

os dentes querem esmagar a boca
mas não podem se fechar para fora

o tempo é ciência inequívoca

quis aprender e perdi no caminho
os elos e o sumo

agora é preciso
curvar como a erva e a estrada
que deixam a montanha e prosseguem

esquecer o que existe, continuar e sentir
arderem as juntas e orar
passar com o vento e os erros

ser a ave que suaviza a experiência
os olhos que se afastam e deixam
o corpo que ainda germe

II

é preciso sobrevoar a árvore
experimentalmente os joelhos e nomes
inspirar o sangue que nutre os abutres

é preciso ter a experiência dos galhos
para ser a nave sobre a copa

resignar, humilhar-se
respirar o ar e deixar morrer

alma! faça curva e adoeça
como as ancas e o perfume

é preciso ajoelhar, pedir, coração
espera a graça de ver com olhos sinceros
pois é tudo que posso te dar agora

III

os olhos estão turvos
é preciso recolher, retornar
é hora de conhecer os mantos

verga o caule que aí não se trinca
dobra a espinha e não se submete

engole o verbo e não blasfema
que as ervas se adiantam ao tempo
e deixam antes sua semente

antecipa a carestia e aposenta os olhos
não deixa o coração tomar por certa essa leva

encosta a janela e esquece o que vê

as estradas devem chegar ao destino
ainda que a paisagem lhes ofereça um final
quando surge o limite dos olhos

IV

é hora de encontrar uma amiga
que um dia fechou meus olhos
e me ensinou a ser menos

é hora de diminuir
ser do tamanho das coisas
e pensar no amor

pensar como se ama
e sentir como se pensa

BIOGRAFIA DAS BOTAS

sou do tamanho das botas
 que não uso
e tenho desenhos no ventre
 pavios na mente
que riscam frisos no piso forte
 do meu passo

sou do tamanho do sol
 que ora se esconde ora aparece
e acaba sendo mais pleno
 que todos nós aqui

sou sereno nas noites aromáticas
belo quando me penteio
 e mais ainda quando me esqueço

repito sempre quando é preciso
 sou livre do tamanho das botas
 que não uso

leve como a letra
que se inscreve no chip

fugaz como a memória eletrônica
que desaparece com a modernidade
e meus segredos
cada vez que aciono o off

sou assim
por que aprecio o verbo

único que estabelece minha respiração
e meu limite

O POEMA DE TODAS ELAS

esse poema hoje é seu
poderia ser de outra & outra
e isso me faz feliz
saber que é você
quem amo nesse instante
amo devasso
sem o pudor de escolher
por que não me pertença
agora
nem mesmo uso cuecas!

NOVO MANIFESTO DA PAIXÃO

nas suas orelhas corriam
as palavras imaculadas

os risinhos amores de letras
as rimas

os verbos acalentavam o espírito

enquanto calmo e morno
o sêmen desafiava suas pernas

A MULHER DOS TEUS OLHOS

que seja a paixão
a primeira mulher dos teus olhos
entre tantos desafetos
a primeira a sulcar tua boca
e em meu nome penetrar teu corpo
como um raio que lasca a madeira
traga ela a primavera dos teus sonhos
o celeiro dos teus grãos
a ira que te contorcerá as vísceras
cada vez que uma profunda estocada
alcançar tuas sete moradas

O ASSALTO

se a mão percorre os sulcos da pele
e curva penetra o desejo
afastando segredos entre pêlos

é que dentro o coração
assalta a dispensa e os comentários

se hoje é dia de receber
melhor abrir as portas

arejado o espírito há de gozar também
do que é belo e puro na terra dos homens

THE ENGLISH BOOK
OF THE UNTOUCHABLE WOMAN

In that vision, your body flushed into water. Silent bath away from the crowd.
Spinning water drops, cold memory, past. Your naked skin, smiley 'nd total. Clean
teeth! Soap balls. I were embracing you, reality 'nd dream, all with the same hands.
I Graspd the hidden place of uncountable joy. Feet away from pain, treatment of
faith. Dummy reality. I love you ever! Though may not be here. Love you ever!
Though reality alone. Love you ever! Though hard words I've heard these days.

O LIVRO INGLÊS
DA MULHER INTANGÍVEL

Naquela visão, seu corpo agitava a água num banho afastado das multidões. Gotas de água em piruetas, memória gélida, passado. Sua pele nua e total. Dentes brancos! Bolhas de sabão. Te envolvia, existência e sonho, com as mesmas mãos. Segurei com força o esconderijo da alegria incontável. Pés longe da dor, tratamento de fé. Realidade confusa. Te amo para sempre, apesar de não ser aqui. Te amo para sempre, ainda que a realidade apenas. Te amo para sempre, apesar das duras palavras que tenho ouvido esses dias.

NADA DEMAIS

tudo é vulgar como o batom vermelho
e a saia justa de crochê

como os sorrisos da caixa
– as mentiras amargas e a música sertaneja –

a garapa escorrendo entre os dedos

o brilho na pedra falsa
– o Shop Pastel –
a companhia de Marcolino e Janaína

Guarapari
teus olhos de kitch me fitam

nossa cumplicidade...

as coisas em seu lugar
– doce é a vida, doce é o olhar –

o jeans délavé

o senso comum de mãos dadas
com minhas madrugadas

tudo é igual no fundo dos olhos
que se cruzam pelo caminho

da praia dos namorados à ponta das castanheiras
pedras toscas e negras

senhores aposentados
nomes no tabuleiro de damas

tatoos descartáveis
uma mineral de plástico

seu prisma neon
como um brilhante adocicado

e também aquele senhor
que hoje fabrica mentiras em mim
suas mesquinhas

a poesia banal, seu traço vulgar
a pizza esquecida

à noite no calçadão
o vento ressoa nos ouvidos

os caracóis som-de-mar

desejos de clareira
ver aquelas pedras trinar

nada demais
saudades de você
– um filé com fritas –

nada muito sério

– um sunday de caramelo –

ÉDIPO OU A PRIMAZIA

a polêmica se estabelece com rapidez
entre a imagem e o espelho
cada argumenta ser impossível
dizer de onde vem o reflexo
posto que não existem
um sem o outro

o dia discorda da noite
quando um acaba outro começa
ou seria o contrário
afirmam ambos quando se trata
de ter razão

o ovo chocado
deu o que falar
quando virou galinha
e se recusou a sustentar
que era o primeiro
arrependido mostrou os fatos:
abriu a cloaca e depôs um novo
para negar o que havia dito

A COISA NERVOSA

essa coisa pé
que não larga da gente
essa coisa pó que coça

essa coisa incômodo feita do nó
do pó de mico do pó da coca

essa coisa ôca
que anda sempre de ré

essa coisa nervosa
que estipula os dias de calor
faz zoarem bigornas e buzinas
os nervos automóveis

as ruínas, os ruídos por toda parte

tenho cinco dedos
e mãos de guaraná tirano
zinem os tímpanos
as baquetas que não param

coço os cílios
os vidros do meu cenário
sou um canário reluzente
lotado de pó
tenho cinco sentidos insanos
e coceiras por toda parte

que gesto me trouxe essa régua
essa medida toda nervosa
da cabeça aos pés?

a lápide é para os diamantes e mortos
são eles que brilham nos ângulos

ENTRE RIOS DE MINAS

estendo-me ao tempo
que deixei passar

a valise e a minúcia
de cada segundo que foi

avanço sobre a era
e o mato daninho

insulto os sentidos
e dou-lhes uma boca torta

as formigas
fizeram covas pelo caminho

alguém cortou por engano
meu ipê amarelo

ando e perscruto
tento envolver de uma só vez
cada face do meu afeto

no meu cadáver faltam folhas
para grafar o devasto do coração

o cão permaneceu fiel
seus dentes caíram
e ele aprendeu a lambar

troca abanos de rabo
por 3 bolachas de sal

e me empurra com o focinho
quando vê que parei
no caminho

a cada horizonte que traço
continuo com recortes
das vistas que tive
aqui dentro

seguem feixes
vazando as direções
do tempo & espaço

pois é certo
dentro do homem existem presságios
corredores exatos
levando os atos ao desatino

há calma na atmosfera
matura meu germe
no pé de bálsamo

meu afeto mal crescido
com brocas e praga na casca

hoje secam seus galhos
enquanto adoça o futuro
de sementes e larvas

não cresce pela força da vontade
mas entre equívocos seguidos

na serraria vale mais que no pasto
em que agoniza sem cuidados

AMÉRICA

NOVA IORQUE I

as tábuas corridas
o mastro trêmulo

o vento salino e gélido
arremessando as gaivotas

o Estado Imperial acena
para a vista panorâmica

aircrafts engarrafados no céu

Nova Iorque, suas marés e suas nuvens

Nova Iorque cidade de braços
com seus mastros

a liberdade acena
sua tocha um labirinto
de avenidas e tijolos vermelhos

muitas escadas de incêndio

abandono e garrafas
por toda parte

spirits aprisionados
em sacos de papel

negros malumorados
mijando na estação

– fuck you man –
está em tudo que ouço

MANNHATAN

avisto aqui as arestas de um povo
que desafia o céu e profana a carne
com hamburgers e mac fritas

a burguesia farfalhante e obesa
bem alimentada com omeletes low fat

CITAÇÃO AMERICANA I

Ferlinghetti

não me esqueci daquela história

do anjo no Macy's

mas apenas encontrei um mendigo

na porta da Bloomingdales

CÂNONE DE BOAS VINDAS

you are welcome
they say

glad to see you
they say

fuck you man
they say

NOVA IORQUE II

os negócios fervilham downtown
as limos se esquivam em midtown
e os negros se empilham uptown

o mundo que ergueram
soa maluco demais
para fibras tão distensas

as curvas de isopor
e os copos imensos de coca e gelo

o Estado Imperial brilhando
em todas as direções

como uma agulha ferroando o céu

espera arrogante algum trojevo
a resposta certa ao incômodo que causa

CANAL STREET

na Canal Street fui devorado
por um dragão chinês
parecido com Moby Dick

no cômodo das suas vísceras
– onde há força e poder –
reparti espaço com quinquilharias
e fitas vhs

durante a digestão truncada
entre aparelhos elétricos e joalheria
bati o queixo num walkman

– onde estão meus rolos de primavera? gritei

em Chinatown
os chineses agora fazem negócios
e vendem como no sonho da estátua francesa

enquanto serpenteia pela rua
o dragão que devora carros engarrafados

seu estômago tem ruído de metal
seus olhos de blue ficam bem acima
das pulsantes ventanas laranjas

lembrança dos antepassados semoventes
dos campos férteis de arroz

CONEY ISLAND

são muitas as estações
depois da Lexington

aciono meu controle remoto
como se fosse possível
passar pelas imagens

me livrar delas
como faço com as estações de tv

A Coney Island of the Mind
sua vizinhança decadente

a vida inteira confinada
ao prazer mais barato
que as pechinchas eletrônicas
da 46Th

CITAÇÃO AMERICANA II

prefiro esquecer a hora
e estar no verão
de 900 e poucos

em Coney Island olhando bermudas
e maiôs de peça inteira

um grito lancinante desce
a montanha russa

a plataforma de saltos
está aberta como uma Eiffel em forma
de guarda-chuvas

Ferlinguetti, estive aqui com você
mais de uma vez

e jurei ter visto o bar do Mike
no calçadão ao lado
do former parachute

CASSINO VEGAS

50 dólares no vermelho
e suspirei fundo

50 dólares na memória
e suspirei fundo

a bola crepitou saltitante
e suspirei fundo

e logo aquelas mãos ligeiras
me enfileiraram mais fichas

ganhei aqui apenas uma vez
o dinheiro que perdi

nos caça-níqueis
ao longo do caminho

FAIT VOUS JEUX

se a vida pudesse estar
numa carta daquele baralho

se ao menos o que sinto
pudesse ser também de plástico
como um litro de Seven Up

se ao menos meu conforto
se estendesse além da strip avenue

pago caro para manter acesas
as luzes no deserto

ouço a melodia vulgar dos Ceasers
e o vulcão do Mirage rugindo incessante

o dragão yankee instalou no deserto
um paraíso de plástico

onde se joga qualquer coisa
menos o que importa

gostaria apenas de ser
a areia tocada pelo vento incenso

nessa noite fria
encontrar alguma erva oscilante

e estender a língua pelo segredo do deserto

MR. VEGAS

senhor Vegas diz

ali uma bud

custa 1.25 dólares

porém

as raposas do deserto

dançarão por cem deles

para um grupo de orientais

custa mais caro foder a América

toco árvores de plástico
e mármore de plástico

e ouço o tilintar dos quarters de lata
entrando na garganta do senhor Vegas

num só quarteirão visito
réplicas do tempo
de César ao Mississipi

no templo oriental
janto italianos e javaneses
por 16 dólares

no Fun City lavo meu lençol
por 50 cents

respiro dimes, almoço cents
janto boxes

PEPSI MACHINE

pepsi machine
trembles
does not give
change nor gaze
just opens
huge mouth

MÁQUINA DE PEPSI

a máquina de pepsi
vibra
ela não dá troco
nem fita os olhos
apenas abre
uma enorme boca

24 hs TV

os canais não param
de falar
dos déficits orçamentários

os canais não param
de mostrar
nossos homens no golfo

os canais não param
de vender
comida para os gatos

os canais não param
de ignorar
o excesso de ratos

os canais não param
de ocultar
a vontade de devorar mais

para depois regurgitar
o incômodo de um mundo
feito de néon e dimes

CINTILA

Pequena enxurrada de poesia
que antecede a chuva
que não chega a cair exatamente.

Santa Bárbara de Minas
Dezembro de 1991

cantareiras voando degraus no céu
trinchas grossas no céu
calmaria de cinzas
vapores de caules degraus
talo das plantas
os brotos a benção
calmaria de cinzas
trinchas grossas no céu
graneleiros no ar
rebentos odores
avisos passagem
o tenor do sol
o ruflar de nuvens
o também dos pássaros
ervas sementeiras
mãos úmidas por toda parte
talos e calos talos

mastigar as plantas sorver esperança
a saliva plena dos bosques
a supremacia os planos da afeição
aviltar as cascas as frinchas as lesmas
revolver mensagens paradeiros e fatos

tirar o som do sol o som do sim
tinir o balde azucrinar a mula
zurrar a bica sapecar a massa
os fatos com nacos de ti

estalidos

traques no céu

armaduras de chumbo

estacas estiradas

filete de água córregos

ferpas pó de água

estiletos estampidos borbulhos

plenos viços pulmões ferroadas

ares de ventania

sombrancelhas no céu

o fim de ornamentos
o fadado, os ciscos, os vãos
ruindo, destramelando

o dia tine, alveja a vida
permeia a têmpera a temperatura da voz

uma cilada de cores
calmaria e trovejo
uma destilaria na retina
luvas de vento excitante
as prenhas entre os exércitos de tocos
os grãos no armazém
o asseio das mãos de bronze
milhares de olhos curvados em presa de luz
um só avarento milharal – imaginário

cada qual com seu varal de dedos esticados
seguindo astúcias e cães desmiolados
cada qual com seu caneco de quinquilharias e trecos
cada igual se esquecendo numa nuvem daquelas
cada qual amanhecendo numa nuvem daquelas
em cada dedo estirado um souvenir de revérberos amarelos
e montes de caixas com fivelas
cada igual com seu varal de dedos esticados
seguindo astúcias e cães desmiolados
desafiando aquários rios e ventarolas
canções de vitrola espiões na maçã

Álvaro Andrade Garcia

a faculdade dos sentidos - notas sobre alguns poemas

ESCULPINDO O DESEJO

Este poema é complexo para muitos. Nele trabalho a dor da criação, do surgimento da forma a partir da matéria bruta, da realização a partir das possibilidades, "onde se talha se despedaça". O poema recria a tensão inerente ao momento crucial com os vocábulos "rocha, sol e abismo". A "fortaleza" surge como metáfora das resistências que são contrapostas ao processo. Na contra-tensão aparecem trincas e rachas. À medida que se acumula mais força, a "defesa" desmorona, abrindo espaço para a nova forma.

ANTES DIONÍSIO AGORA CONFÚCIO

Baco, o deus do entusiasmo, reverenciado nas orgias e nos bacanais – ritos bem mais sagrados que o sentido atual dessas palavras –, cede lugar a Confúcio, filósofo chinês responsável por um complexo pensamento ético e moral.

SÓ A CANALHA, SÓ A MORTALHA

Talvez nenhum outro conjunto de poemas possa sintetizar tão bem o que sinto em relação à época à qual estamos confinados. Os poemas dessa série foram transformados em videopoemas em 1991, posteriormente musicados por Luiz Eduardo Sá, em 1993.

VIVER A VIDA

A partir da leitura de poemas de Emílio Beletti, onde encontrei jogos entre verbos e substantivos que expressam a mesma idéia, resolvi burilar palavras que expressam um sujeito que se anula pelo verbo e vice-versa, ambos compartilhando a mesma raiz.

ORAÇÃO PARA OS 80

Na década de oitenta o país não cresceu. As atividades econômicas reduziram-se de maneira geral. O descompasso entre as condições econômicas da sociedade e os indivíduos, com sua breve história biológica, me fez realizar esses versos. Busquei na linguagem a paz que ultrapassa a limitação do tempo que nos impõe a sociedade e a própria vida. A imagem recorrente foi a de uma longa campanha com uma estrada que segue até se perder de vista. Uma árvore imensa – o pé de carvalho de Heidegger de O Caminho do Campo – compõe a paisagem da campanha, com pássaros em movimentos agitados nos céus. O texto é comprido, plangente e recolhido

THE ENGLISH BOOK...

Foi concebido em inglês, o texto é *ipsis litteris* o que me veio na cabeça durante um sonho que tive. É um devaneio de estruturas gramaticais imaginísticas.

NADA DEMAIS

Quis um poema vulgar, na acepção mais nobre que a palavra pode ter. A idéia foi realizar um poema-conversa-fiada, com mais de uma voz relatando um passeio banal no calçadão. Procurei deixar as estrofes soltas, meio "largadas". Meu objetivo foi um prosseguimento inconseqüente entre idéias que se encadeavam, obtendo assim uma sintonia entre relações sintáticas e o conceito despojado do poema.

A COISA NERVOSA

Um poema sentado sobre o vídeo de Éder Santos, lançado em 1992.

ENTRE RIOS DE MINAS

A sensação de estar numa casa vazia, que foi querida, ocorre com relativa freqüência. Sinto os odores, as imagens e os momentos passados com bastante nitidez. Ocorre que não vejo as pessoas. Estou sempre só. Fica na atmosfera apenas uma sensação densa e nublada de que existiram ali também. Talvez, como Pedro Nava em suas memórias, eu esteja buscando uma engenharia interna. Construindo na memória os locais que foram destroçados ao longo do tempo. A casa, que é passado nesses poemas, é a mesma que ainda é presente nos poemas de Librare.

CITAÇÃO AMERICANA I e II

As citações dos poemas de América se referem a textos de Laurence Ferlinghetti na coletânea *Endless Life*. Num poema me refiro ao texto *Director of Alienation*,

em que ele procura um anjo numa loja de departamento, noutra a estrofes do livro
A Coney Island of the Mind.

CANAL STREET

Este poema se relaciona de maneira sutil com o poema The Great Chinese
Dragon, também de Laurence Ferlinghetti.

PEPSI MACHINE

Este poema foi concebido em inglês. Sua tradução para o português não ficou tão
boa quanto o original. Sutilezas do texto em inglês como a palavra change, que
pode significar troco e também mudança, não foram reproduzidas no português.

Álvaro Andrade Garcia